TL7034

Querida irmã Pascoela Barreto

Um fortíssimo abraço, desejando-lhe um 1981 de muitas realizações. Vão comigo aqui 'vê-lá' e não sei se era a que trabalhava no Turismo. Sabe de uma coisa 'interessante' (?) que me levou a pedir-lhe falar com o seu pai? Fui-lhe pedir para ser um dos fiadores... daquele tal pedido de empréstimo à Caixa de Crédito! E ele aceitou... para alguma coisa serve aquele café todos nós cá tomarmos! E têem, pois creio que os seus herdeiros continuam a cuidar da plantação.

Bem, devo informar-lhe que recebi o livro e passei uma vista de olhos, claro, rapidamente... porque já comecei o texto.

Venho, Pascoela, expressar aqui o meu apreço ao seu zelo, à sua inesgotável dedicação a esse fatigoso trabalho de recolha e verificação. Em cálculo grão aborrecida é sempre uma actividade deste género e sei que, mesmo estando doente, sempre se entregou com alma à tarefa que lhe foi entregue.

Do mato e aqui, sem outras preocupações de maior que não as da luta, às vezes abarco a todos mas nem mesmo condições que em e obviamente aqui que não sinto o grão centro é combinar o alguer disso, normalmente ex patente, em as tarefas da luta. É este aspecto que muito admiro as pessoas da solidariedade, que só merecem o nosso amor e respeito!

Venho-lhe agradecer, em nome da Luta (e você me dirá que, em nome da Luta, não lhe deveria agradecer!), o ter participado decididamente e da forma que vos pareceu a mais apropriada, para tornar claro o processo político da Resistência.

Venho-lhe agradecer, em nome da Luta (e você me dirá que, em nome da luta, não lhe deveria agradecer!), o ter participado decididamente e da forma que vos parecem a mais apropriada, para tornar eloro o processo político da Resistência.

Pessoalmente, deixa-me dizer-lhe sobre as minhas sensações. Eu creio que se não me conhecia um pouco ou outra falar de mim, naqueles anos que cada vez se afastam irremediavelmente. Eu era um complexado. Nunca quase radicalmente durante a guerra, mas conservo a minha alma, aquela incerteza que sempre define e molda as reacções... e talvez esta 'deficiência de carácter' seja o factor que me continua preservando psicologicamente da tentação, humana e irresistível, de nos orgulharmos pelos poucos que vamos fazendo. Eu continuo complexado, não porque não acredite em mim mesmo, mas porque não desejo em absoluto que se reforce uma imagem que eu tento desesperadamente apagar... porque também não acredito em mim mesmo.

Mas, de qualquer maneira, OBRIGADO, ilusão!

A menção do João Câmara foi uma obrigação moral mas caiu-nos então uma bomba! E estamos à espera que arrebente...

A propósito para abordar aqui contigo uma questão ou uma série de questões. Peço para me compreender a forma de exposição; aqui é muito precisa a máxima 'não deixes para amanhã o que podes fazer hoje', porque o 'hoje' nem sempre é muito livre.

Vou-lhe entregar uma tarefa, Pascoela. Escolha os colaboradores que quiser. Escolha gente capaz que possa interpretar o pensamento que lhe vou transmitir, gente dinâmica com o espírito aberto para debater mas humilde, com o sentido único de servir, responsável, na fidelidade em que deve ver o nosso Povo e futurista, em capacidade portanto de situar em Timor-Leste virado ao seu próprio destino sem se desenraizar da sua personalidade.

Pequenos, ou grandes, condicionamentos que temos que ir esbarrando desde já, porque acreditamos que o amanhã será nosso.

Aquando da nossa independência, em 1975, era dito que a Constituição da RDTL era cópia 'exacta' da Constituição da FRELIMO. Não podemos depois ter uma margem de tempo conveniente para sentirmos a sua validade ou não, mas se olharmos com os olhos de hoje, pode parecer-nos que queríamos viver um mundo diferente ... do nosso.

Como vai ver, escrevi ao Justino Aparício. Dou-lhe questões, entrego-lhe papel branco e caneta para ele borrar o preto no branco com poemas ao luar. Contacte-o, por favor. É já um colaborador seu e, com certeza, você também pode definir os seus próprios pontos de vista. Deverão agir como equipa, coesa nos princípios e rebeldemente ávida na busca das respostas.

A si, minha irmã e companheira, competirá essencialmente estudar numa 1ª fase, as constituições de diversos países, da Europa, da América Latina, da África e da Ásia e Pacífico. Escolha o mais democrático modelo para este

É já um colaborador seu e, com certeza, você também pode definir os seus próprios pontos de vista. Deverão agir como equipa, coesa nos princípios e rebeldemente ávida na busca das respostas.

A si, minha irmã e companheira, competirá essencialmente estudar numa 1ª fase, as constituições de diversos países, da Europa, da América Latina, da África e da Ásia e Pacífico. Escolha os mais significativos modelos, para estabelecer os pontos comuns necessariamente provindos do Direito Internacional, Convenções, etc... aplicáveis a Timor-Leste.

Estabeleça as diferenças que podem existir entre a democracia ocidental e a democracia dos países do 3º mundo e bosque a aproximação que houver nas democracias da Ásia.

Com o que o Justino tiver apresentado, na 2ª fase, elabore um projecto da nossa Constituição. Não receie ser um tanto. A condução dos destinos da Pátria está entregue aos seus filhos mais válidos e lhá que, de qualquer maneira, inovarmos já.

Não tenha receio de que isso não venha satisfazer o paladar de todos. Ponha-os ao debate entre os timorenses.

Não sei se lhe deva lembrar mas o nosso Povo ainda mantém uma mentalidade feudal. Nas aldeias e sucos, embora obedeçam aos nomeados, guardam respeito àqueles que ainda lembram a hierarquia tradicional... sempre que eles não sejam traidores. Mas evidentemente que não vamos ser adeptos do KOTA. Nem sei porque lhe pus isso...

Eu talvez queira lembrar-lhe também que sou verde e o Povo também também (não porque eu o seja claro mas porque ele é), se isso faz parte da definição de um futuro Timor-leste independente.

Não conheço muito do direito consuetudinário do nosso Povo, mas creio que investigadores, portugueses e estrangeiros, e legislações portuguesas vos/nos ajudarão a conhecer... o que é nosso!

A legislação colonial indonésia é muito mais compulsiva, mas reparo que o nosso Povo soube ajustar os seus interesses à necessidade de obedecer aos regulamentos. E o nosso Povo, no fundo, ainda se conserva ele mesmo! Não façamos confusão com uma pequena camada grosseiramente 'desligada' do nosso Povo — a situação é a mesma daquela em que nós, você e eu e outros, estávamos inseridos na altura dos anos 70.

Um projecto também de certas leis básicas.

Legislação sobre a propriedade. Muito importante! e vai ser a verdadeira maior dor-de-cabeça. A propriedade, o direito e como se prova esse direito de posse (esqueça os alvarás que só funcionaram em Dili e para as grandes plantações no interior), como se faz a devolução, se é necessária indemnização, por quem e em que condições. Em que situação se colocam as lojas dos chinas? Qual o nosso procedimento em relação aos bens imobiliários de [illegible]?

para o nosso povo — a situação é a mesma daquela em que nós, você e eu e outros, estávamos inseridos na altura dos anos 70.

Um projecto também de certas leis básicas.

Legislação sobre a propriedade. Muito importante! e vai ser a verdadeira maior dor-de-cabeça. A propriedade, o direito e como se prova esse direito de posse (esqueça os alvarás que só funcionaram em Bissau e para as grandes plantações no interior), como se faz a devolução, se é necessária indemnização, por quem e em que condições. Em que situação se colocam as lojas dos chinas? Qual o nosso procedimento em relação aos bens imobiliários dos indonésios?

Para isso, a definição da propriedade. Sem falarmos dos bens imobiliários que pressupõe outro modelo de legislação, o moderno, temos que dar muita atenção ao conceito de propriedade entendido pelo nosso Povo: terreno, várzea, plantações, (manadas), sumbi, moranes.

Vamos considerar o apossamento por parte de indivíduos (timorenses e indonésios) e por parte do Estado indonésio. Como resolver?

Definição da propriedade do Estado. Aqui, entrarão por vezes em choque interesses privados com interesses nacionais.

Por seu lado, a lei agrária, por exemplo, é um campo muito complexo e difícil e o nosso Povo é muito susceptível neste sentido. Que projectos para o desenvolvimento agrícola? claro que não vamos ter tão ingénuos a fixar

o uso de semeadeiras e debulhadores mecânicos.

Não consegui ainda perceber a forma de organização dos sindicatos mas estou habituado a perceber que o que funciona são as cooperativas.

No nosso Povo, o conceito de propriedade sobre o terreno é redonho e sobre tudo quanto está dentro deste terreno. É meu, poder tirar quando puder, poder utilizar quando puder, mas é meu! Contudo, o nosso Povo tem prática de trabalho comunitário e fá-lo em alegria, entre festas e matanças. O mesmo não acontece quando é obrigado a fazê-lo, mesmo em festas e matanças. Hoje, eu fui, participo na pitança, porque ali está o 'babrusa'.

Como desenvolver a produção agrícola? Deixar o nosso Povo continuar com os seus meios ancestrais, enquanto criamos latifundiários? Vamos implementar cooperativas?

Realmente o nosso Povo sempre aceita qualquer coisa quando está bem esclarecido das consequências e benefícios, mas se os seus interesses individuais são esquecidos ou espezinhados, ele reage da forma como mais lhe agrada. E o nosso Povo não tem muita tendência cooperativista. Tem é um alto sentido de cooperação e ajuda mútua ... quando não existe o elemento lucro.

Um bocado ou muito ligado à produção agrícola está o problema da recolocação dos soldados. Necessidade ou simples resposta ao desejo do nosso Povo de viver sossegado e entregue a si mesmo?

Como conciliar a actividade da produção com a recolocação? Quais os interesses a serem salvaguardados? Vão ficar, nacionais, numa perspectiva planeada de desenvolvimento das forças produtivas ou à necessidade de obedecermos aos ditames do ...?

... quando não existe o elemento mais.

Um bocado ou muito ligado à produção agrícola será o problema da recolocação das aldeias. Necessidade de se dar uma resposta ao desejo do nosso povo de viver sossegado e entregue a si mesmo?

Como conciliar a actividade da produção com a recolocação? Quais os interesses a serem salvaguardados? Vão ser feitos racionais, numa perspectiva planeada de desenvolvimento das forças produtivas ou à necessidade de obedecermos aos ruídos do nosso povo?

Que efeitos têm a actual colocação da população ou toda as consequências dos vales ou nas margens das estradas?

Efeitos de carácter administrativo? de ordem social? E os efeitos no modo de vida, de pensar e de agir do nosso povo?!!!!

Os padres, entre outras pessoas, darão muitas boas respostas mas alguns indubitavelmente preferirão a actual colocação que lhes facilita a visita pastoral diária e de carro.

Das estruturas locais até às aldeias, como será a organização? Aqui é que eu deveria colocar a mentalidade feudalista, já exposta uma página atrás.

Temos três experiências que não diferem muito na forma mas, sim, no carácter. Do tempo colonial

português, nos primeiros 3 anos da independência e nesta fase.

O nosso povo já entende o que são eleições, já entende o que escolher o seu representante, já sabe classificar o representante... e quando lhe ensinarmos a democracia, gosta de praticá-la às vezes até demais... Linda história nas Bases de Apoio que não tenho tempo para lhe contar.

Sobre a industrialização do país, isso pràticamente será terreno "livre", no sentido de que não haverá confrontos entre os interesses da população e a necessidade de provocar o progresso.

Mas há que definir-se, em termos mais ou menos claros, as etapas de uma industrialização que corresponda às necessidades da Nação, o objectivo é, tanto quanto possível, satisfazermos as necessidades consumistas quotidianas, numa capacidade de auto-suficiência a nível elementares.

Que áreas, que prioridades, que formas de gestão, que importâncias? Qual a relação entre a necessidade de não contrair muitas dívidas e a necessidade de crescer? Qual a relação entre a necessidade de entrada de divisas e a implementação de uma indústria virada para o consumo interno?

Qual é a relação entre as necessidades de desenvolver o país e os efeitos da dependência com o exterior? Não esqueça nunca que sou verde e sei que você também é, quanto mais não seja porque Bazar-Tete é verde!

Como vamos conceber o desenvolvimento para Timor-Leste?

~~Um país com muitas cidades? Um país essencialmente~~

Qual a relação entre a necessidade de entrada de divisas e a implementação de uma indústria virada para o consumo interno?

Qual é a relação entre a necessidade de desenvolver o país e os efeitos da dependência em o exterior? Não esqueça nunca que sou verde e sei que você também é, quanto mais não seja porque Bazar-Tete é verde!

Como vamos encetar o desenvolvimento para Timor-Leste?

Um país com muitas cidades? Um país essencialmente agrícola? Ou um país, onde a combinação harmoniosa das forças produtivas, respeite primordialmente o meio-ambiente e a mentalidade pacífica do nosso Povo?

(As vezes, gostava, nas montanhas, de imaginar coisas como a necessidade de, segundo as características do nosso país, definirmos previamente as regiões pela perspectiva própria a cada uma de desenvolvimento! Para espalharmos o desenvolvimento pelo território e não criarmos cidades... A sociedade de vícios e desemprego... tão modernos!

Eu destruiria Dili, tal como ela é hoje, e mandaria mais de 1/3 da população (improdutiva) da cidade para o interior. Limparia todo o Kaikoli, cavaria muito fundo e faria ali um lago... para você imaginar aonde o Rui colocaria... Dili, uma cidade baixa, limpa e

espaçosa, a capital política e comercial.

E, se a região de Ernesa, Natolia, Lokisá e Bayatete será essencialmente cafeeira, e costa sul, agrícola. A faixa de Kabilare, Kambatsse, Turikai e Atlen possui um clima próprio para uma produção específica só dela mesma. Se Suai é promissora para o gado, a faixa de Kamatuto, Uemane, Lakuta, Banke e Kribar não o será menos. A indústria pesqueira e salineira na Costa Norte.

Será necessário o cultivo de algodão? Onde? O que fazer das montanhas? Como conservar a floresta de Loré a Tatuala? Como aproveitar os leitos caudalosos de algumas ribeiras? Como arborizar a nossa Pátria? Como enchê-la de frutas e cobri-la de jardins... quando não temos água?

Bauxau para que é que serve? Fosfatos? A faixa fronteiriça do Norte? Oe-kusi? Ataúro? e, sim, o próprio Jakue! O nosso petróleo? O nosso sub-solo? Enfim, fico por aqui....)

Quanto à política educacional. Tem que ser arrojada ou acomodatícia, nas suas etapas? Arrojada em que planos? e acomodatícia para que camadas? Não temos o desplante de pensar, para as estatísticas, que cada família timorense terá que necessàriamente receber o jornal, de emissão diária!

Como preservar a nossa cultura? Pelo ensino do português? Ou o bacalhau e o vinho já servirão para diferenciar uma cultura da outra? Pela religiosidade (extranjeira, porque a religião católica é considerada, pelo nosso Povo, como a religião do branco!...

planos: e acomodatícia para que camadas? Não temamos o desplante de pensar, para as estatísticas, que cada família brasileira terá que necessariamente receber o jornal, de emissão lisboa!

Como preservar a nossa cultura? Pelo ensino do português? Ou o bacalhau e o vinho já servirão para diferenciar uma cultura das outras? Pela religiosidade (extranjeira, porque a religião católica é considerada, pelo nosso Povo, como a religião dos brancos) que se impõe à vida ou pela liberdade de pensar e acreditar que é dono desta liberdade de pensar e acreditar? Ou já pelo incentivo da manifestação popular dos seus sentimentos?

Ou será que isto nos poderá envergonhar perante o mundo moderno, que pode ilucinar alguma pequena camada mas desconhecido ainda pela maioria do nosso Povo?

O que é que há para ensinarmos e o que é que há para introduzirmos?

Política de saúde. Muitos hospitais de luxo? Postos sanitários repletos de medicamentos? Que especialidades médicas são mais necessárias? Que doenças graves e permanentes assolam o território? Que doenças especificar por região e qual o grau de importância de cada uma?

Poderá recorrer ao Ministério da Saúde. Eu trabalhei no sentido de dotar estabelecimentos desta natureza.

Para a 1ª etapa, uma adequada provisão em cada parcela do território? Ou campanhas de assistência periódica? O tratamento preventivo ou o tratamento curativo? Ou a combinação de ambos? Qual o mais realista, a importação de medicamentos ou a implementação dos meios curativos tradicionais?

Bem, fico por aqui, primeiro porque já não sai nada e segundo porque lhe devo mandar já este ao Bissau. Tem alguma ideia sobre marotok? Não? Vou-lhe explicar sumariamente: aquece-se a água num panelão, enquanto se cortam folhas de papaia, folhas de mandioca, folhas do koto moruk e toda a espécie de folha comestível que se encontrar durante a marcha. Vai-se metendo na panela. Corta-se o cumbili, o kuan, em rodelas; corta-se em pedaços a mandioca seca, a carne seca; corta-se o 'kulu' ou uma fruta de 'jeka'. Junta-se isto tudo e mete-se na panela quando a água já estiver a ferver. Quando a água estiver a diminuir, junte-se mais água e pedaços de 'mdi-kain'. Deixa-se ferver 2 vezes. Faz-se uma pequena mistura de café em água fria e junta-se à massa e mexe-se. Quando se ouvir a panela falar (para si), assim: rotokm... rotokm... mrotok... Já está... pronto a servir!

Foi o que lhe servi... nestas folhas! E... bom apetite!

~~Escolha os colaboradores que quiser... Para vermos~~

e junte à massa e mexa. Quando ouvir a panela falar (para si), assim: rotokm... rotokm... mrotok... Já está... pronto a servir!

Foi o que lhe serui... nestas folhas! E... bom apetite!

Escolha os colaboradores que quiser... para pormos o cérebro a funcionar. As ideias germinam quando observamos cuidadosamente os fenómenos. Às vezes, temos umas ideias mas não acreditamos que elas possam ser consideradas ideias.

Os acontecimentos ou pessoas podem ajudar-nos a acreditar que possuímos umas ideias, embora desconexas e cheias de incerteza. A querida minha Grande Amiga bateu-me para contar e disse: desembucha, homem, arranja essas ideias e espalha-as.

É o que estou fazendo precisamente. Dão-vos coloco ideias, espalho-as... para as passarem pelo crivo da investigação crítica e nova formulação mais sistematizada. E a tarefa que lhe entrego. Não estipulo prazos, estipule-os você mesmo. Conto com a sua enérgica vontade de cumprir e sei que será uma boa chefe-de-equipa.

Um sincero e fortíssimo abraço.

Coimbra, 28. Jan. 995